

LUME

编辑 / 人民文学杂志社
Departamento Editorial: Revista *Renmin Wenxue* (Literatura do Povo)

主编 / 徐则臣
Editor-chefe: Xu Zechen

副主编 / 陈涛 邓凯
Editores Assistentes: Chen Tao, Deng Kai

编辑总监 / 吴志良
Diretor Editorial: Wu Zhiliang

葡文编辑总监 / 沈友友
Diretor Editorial (Português): Giorgio Sinedino

中文执行编辑 / 姚风 胡晓芳
Editores Executivos (Chinês): Yao Feng, Hu Xiaofang

编译委员会 / 张敏芬 韩丽丽 颜巧容 周淼 宋灏岩 金心艺 周文旭 刘怡
Comissão Editorial (Tradução Chinês-Português): Zhang Minfen, Han Lili, Yan Qiaorong, Zhou Miao, Song Haoyan, Jin Xinyi, Zhou Wenxu, Liu Yi

协作 / 圣保罗州立大学基金会出版社
Publicado em parceria com a Fundação Editora Unesp

平面设计 / 圣保罗州立大学基金会出版社
Layout: Fundação Editora Unesp

《Lume》编辑部
Lume: Editorial Office

地址 / 北京农展馆南里10号楼7层人民文学杂志社 (100125)
Endereço (inglês): 7th Floor, Building 10, Nongzhanguannanli
People's Literature Magazine Beijing 100125
Telefone: (0086) 65030264, (0086) 65003876

MO YAN • LIANG XIAOSHENG • CHEN CHUNCHENG •
CHEN CANG • SUONAN CAIRANG • DONGXIA QINGQING •
YANG ZHIHAN • WU ZHILIANG • ZHAI YONGMING • YAO FENG

A nova literatura chinesa

LUME

APRESENTAÇÃO
Giorgio Sinedino

PREFÁCIO
Xu Zechen



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



© 2025 Cultura Acadêmica Editora, para esta tradução

Direitos de publicação reservados à:
Cultura Acadêmica Editora
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
<http://www.culturaacademica.com.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

N935

A nova literatura chinesa: Lume / Mo Yan...[et al.]. – São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2025.

ISBN: 978-65-5954-636-7

1. Literatura chinesa. 2. Literatura contemporânea. 3. Prosa. 4. Poesia. 5. Conto. 6. Antologia. I. Mo, Yan. II. Liang, Xiaosheng. III. Chen, Chun-cheng. IV. Chen, Cang. V. Suonan, Cairang. VI. Dongxia, Qingqing. VII. Yang, Zhihan. VIII. Wu, Zhiliang. IX. Zhai, Yongming. X. Yao, Feng. XI. Título.

2025-4437

CDD 895.1

CDU 821.581

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Sumário

- 7 Apresentação à tradução brasileira de *Lume*
Giorgio Sinedino
- 9 Prefácio da Edição em Português de *Lume*
da Revista *People's Literature*
Xu Zechen
- A nova literatura chinesa***
- LUME***
- 16 Um sonho
Mo Yan
- 39 “Wang Liulang” e eu
Liang Xiaosheng
- 95 Templo do Pico de Bambu – História
de uma chave e de uma estela
Chen Chuncheng
- 132 Tenho uma árvore
Chen Cang

- 168 À procura de sinal
Suonan Cairang
- 186 Em Awusiqi
Dongxia Qingqing
- 211 Água sobre Ponte Azul
Yang Zhihan
- 239 Encontro
Wu Zhiliang
- 266 Poemas
Zhai Yongming
- 266 Monólogo
- 267 Boneca
- 268 No tempo antigo
- 269 Desejo
- 270 Lady Macbeth – Para Tian Mansha
- 273 Poemas
Yao Feng
- 273 Uma manhã em Seattle
- 274 Recordando Federico García Lorca em Andaluzia
- 274 Jesus é brasileiro
- 275 No meio do caminho
- 277 Sobre os tradutores

Apresentação à tradução brasileira de *Lume*

Giorgio Sinedino

Às vésperas do ano em que Brasil e China comemoram seu Ano Cultural (2026), é digna de louvor a decisão da Associação dos Escritores da China (AEC, 中国作家协会) de lançar esta primeira coletânea de literatura chinesa atual. Nela estão incluídos textos selecionados cuidadosamente do imenso portfólio que a AEC acumulou ao longo das décadas.

Sem paralelo no Brasil, a AEC é uma organização de classe, de caráter oficial, que dá corpo à vida literária na China. Ela não apenas reúne os escritores e poetas de maior consequência naquele país, mas ainda organiza e atribui as premiações literárias mais relevantes, realiza eventos de alto nível e, não menos importante, mantém a revista *Literatura do Povo* 人民文学. Na China, *Literatura do Povo* é universalmente aclamada como a revista literária por excelência, e nela se encontram contribuições dos grandes mestres, mas também se afirmam as novas promessas. Nesse contexto, a revista é o grande celeiro da literatura chinesa atual.

Esta primeira antologia de *Literatura do Povo*, que no Brasil ganhou o título de *A nova literatura chinesa – Lume*, não poderia ter surgido sem a iniciativa e orientação de Wu Zhiliang, presidente da Federação das Associações Culturais de Macau – e ativo membro

da AEC – que concebeu o projeto. Os textos foram selecionados com base num eixo temático (“Vida”), sob coordenação editorial da própria *Literatura do Povo* e amplo debate dos envolvidos. Os autores por fim contemplados dão conta da diversidade humana e regional chinesa, atravessando diferentes gerações e estéticas. É uma primeira e competente amostra do que há de bom na prosa e poesia atuais daquele país.

Fui convidado para dirigir o trabalho de tradução, organizando os times de especialistas responsáveis pelos textos que se seguem. Tudo foi feito em equipe, a partir da escolha de um conselho editorial de tradução que tivesse representatividade acadêmica e garantisse a qualidade dos profissionais envolvidos. Reconhecendo as limitações no campo da tradução chinês-português, os textos foram traduzidos pelo menos a quatro mãos, com falantes nativos de português e chinês dividindo as tarefas. Mediante sucessivas leituras e revisões, foram feitos esforços no sentido de que cada trabalho refletisse os estilos dos autores e dos tradutores.

Por último, é importante registrar a colaboração que traz *Lume* a lume. Dirigimos nossos agradecimentos ao diretor-presidente e *publisher* da Fundação Editora da Unesp, Jézio Gutierre, e, especialmente, aos bons ofícios da professora Wei Dan, da Universidade de Macau. Esta importante plataforma editorial, sem dúvida, haverá de otimizar a disponibilidade da presente antologia para os amantes de literatura – sem qualificativos – em todo o Brasil.

Prefácio da Edição em Português de *Lume* da Revista *People's Literature*

Xu Zechen¹

A edição em português de *Lume* marca a décima língua da versão internacional de *People's Literature*. Há quinze anos, começamos essa jornada com a edição em inglês, expandindo-a, aos poucos, para outras línguas de amplo alcance global. Enfrentar os desafios de diversificar idiomas tem um propósito duplo: abrir uma janela para que leitores de diferentes línguas contemplem os mais exímios escritores e obras contemporâneas da China e, simultaneamente, cultivar um diálogo profundo e frutífero com as literaturas de outras culturas por meio deste périplo literário.

Assim, lançamos sucessivamente edições em inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, árabe, russo, japonês e coreano, totalizando nove idiomas. Essas edições não se limitam a traduzir diretamente as obras originais publicadas em *People's Literature*, como se fossem meras réplicas em outras línguas. Pelo contrário, cada idioma e cada edição são forjados de maneira singular, guiados por temas distintos, reunindo contos, ensaios e poemas cuidadosamente selecionados da literatura chinesa contemporânea

¹ Xu Zechen é editor-chefe da Revista *People's Literature*.

desde 1978, com destaque para o novo século. Essas obras-primas, traduzidas e apresentadas em sintonia, convidam leitores de diversas línguas a explorar, através da lente literária, as meditações de escritores e poetas chineses sobre questões fundamentais da experiência humana.

Ao longo de quinze anos, nossas edições em diferentes idiomas desvelaram temas como “ficção científica”, “ecologia e natureza” e “pluralidade étnica”, conquistando o entusiasmo de leitores de variadas línguas. Além de revelar as mais sublimes obras originais da literatura chinesa contemporânea, almejamos, por meio das edições de *Lume*, apresentar com eficácia a nova geração de escritores chineses, com especial ênfase nos talentos emergentes.

De fato, nas nove línguas anteriores, logramos êxito em apresentar um grupo de jovens escritores de talento prodigioso. Grande parte da notoriedade global dos jovens autores chineses contemporâneos se deve às inserções de nossas edições internacionais. Essas publicações acenderam a curiosidade por esses escritores, incentivando novas traduções, publicações e divulgações. Assim, *Lume* se firmou como um farol essencial para que jovens autores naveguem rumo ao cenário mundial.

O nome *Lume* nasceu da edição em inglês. O título em inglês da nossa revista é *People's Literature*, e a edição inglesa uniu as iniciais P e L para criar *Pathlight*, um nome de notável adequação. A literatura é uma chama que ilumina o caminho da vida, clareando o horizonte com experiências humanas ricas e multifacetadas, ao mesmo tempo que inspira a alma com sabedoria profunda e imensurável. O nome da edição inglesa ressoa com *People's Literature*, simbolizando uma continuidade espiritual. A partir dessa luz, os nomes das edições em outras línguas desabrocharam, como a edição japonesa, chamada *Tomoshihi* (archote) e a francesa, nomeada *Promesses Littéraires*.²

A edição em português, batizada *Lume*, nasceu com fluidez, evocando a metáfora da “luz do caminho” e harmonizando-se com

² No original em chinês, o nome da edição francesa é descrito como *Aurora* (曙光), (N. T.)

as nuances da língua portuguesa. Uma edição em língua portuguesa era um projeto longamente sonhado. O intercâmbio literário entre a China e os países lusófonos é de uma riqueza única, com obras de grandes escritores e poetas desse idioma traduzidas para o chinês, como Luís de Camões, Fernando Pessoa, José Saramago, António Lobo Antunes, João Guimarães Rosa e Mia Couto. Da mesma forma, poetas clássicos chineses como Li Bai e Du Fu, o romancista Pu Songling, além de autores contemporâneos como Lu Xun, Lao She, Mo Yan, Cao Wenxuan, Yu Hua e Liu Cixin, têm conquistado crescente espaço no mundo de língua portuguesa por meio de traduções.

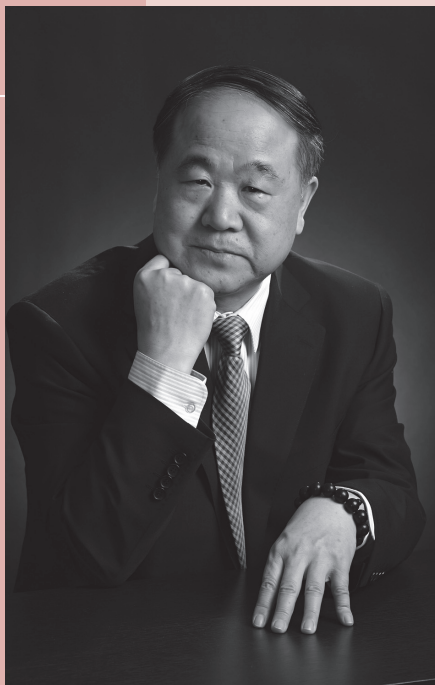
Nesta primeira edição em português, privilegiamos textos breves, mas de impacto profundo. Sob a égide de Mo Yan, o primeiro escritor chinês agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, reunimos contos de seis autores – Liang Xiaosheng, Dongxia Qingqing, Suonan Cairang, Chen Chuncheng e Yang Zhihan –, ensaios de Wu Zhiliang e Chen Cang, e poemas de Zhai Yongming e Yao Feng. Essas obras orbitam o tema da “vida”, descortinando com plenitude as reflexões e explorações artísticas de escritores e poetas chineses sobre um dos motivos literários mais essenciais da humanidade.

Outrora, a Torre de Babel, inacabada, foi motivo de pesar. Contudo, os tradutores, com sua arte, superaram as barreiras da comunicação, unindo a humanidade numa fraternidade de compreensão e afeto mútuos. Desta vez, essa união se manifesta pela via da literatura. É inquestionável que, ao entretecer profundamente emoções, sabedoria e experiências humanas, a literatura se consagrou como uma nova Torre de Babel. Assim, agora que esta torre literária se ergue com perfeição diante dos leitores de língua portuguesa, nós, da equipe de *People's Literature*, unimo-nos a vocês para render nossa mais profunda gratidão aos tradutores e à Federação das Associações dos Sectores Culturais de Macau, cujo apoio inestimável tornou realidade esta edição em português.

A árvore da literatura permanece eternamente viçosa. Que a amizade entre os mundos da língua chinesa e da língua portuguesa também floresça perenemente.

A nova literatura chinesa

LUME



Mo Yan

Mo Yan é o primeiro chinês a receber o Prêmio Nobel de Literatura (em 2012). Atualmente é professor da Beijing Normal University e diretor do International Writing Centre. Nascido em 1956 na província de Shandong, na China, Mo Yan abandonou a escola aos 11 anos. Em 1976, entrou para o exército e assumiu a função de professor. Foi ali, também, que começou a escrever, e teve seu talento literário descoberto. Deixou o exército em 1997 para trabalhar no *Procuratorial Daily*, e depois na Academia Nacional de Artes da China.

O lançamento de *O sorgo vermelho* (1987) tornou Mo Yan um romancista reconhecido

nacionalmente. Suas principais obras incluem romances, como *As baladas do alho* (1988), *A República do Vinho* (1993), *Seios grandes e quadris largos* (1995), *O suplício do sândalo* (2001), *Quarenta e um canhões* (2003), *A vida e a morte estão me desgastando* (2005), *As rãs* (2009), *Um desabrochar tardio* (2020), e também roteiros, como *Farewell My Concubine* (1996) e *Our Jingke* (2010). Suas obras foram traduzidas para mais de cinquenta idiomas e tiveram mais de duzentas edições.

Mo Yan recebeu inúmeros prêmios, incluindo a *Ordre des Arts et des Lettres* (Medalha do Cavaleiro das Artes e das Letras da França), o Prêmio Nonino da Itália, o Prêmio Fukuoka de Cultura Asiática do Japão, o Prêmio Newman de Literatura Chinesa, o Prêmio Mao Dun de Literatura, o Prêmio Literário Manhae da Coreia e a Medalha da Ordem Nacional do Mérito da Argélia. Ele é membro honorário do Regent's Park College da Universidade de Oxford, membro da Academia de Belas Artes da Baviera e membro honorário da Modern Language Association of America.

Mo Yan também recebeu o título de Doutor Honorário da Universidade Aberta de Hong Kong, da Universidade FoGuang de Taiwan, da Universidade Aix-Marseille da França, da Universidade Sofia da Bulgária, da Universidade da Cidade de Nova York, da Universidade Chinesa de Hong Kong, da Universidade de Macau, da Universidade Batista de Hong Kong, da Pontifícia Universidade Católica do Peru, da Universidade Diego Portales e da Universidade de Hong Kong.

Um sonho

Mo Yan

Era uma vez, há um tempo perdido no tempo, uma velhinha. Era uma vez um vilarejo, perdido nas colinas de uma montanha. Era uma vez a vida que a velhinha vivia solitária em seu vilarejo, perdido nas colinas de uma montanha, há um tempo perdido no tempo... Num certo dia, ela estava cortando os legumes para fazer a sopa que tomava dia após dia, pelo menos era tal a sua crença. Com os estalos sincopados da faca larga, perdeu-se em suas lembranças, até que um esguicho grosso de escarlate manchou o branco do nabo. Inconscientemente, pôs o dedo decepado na boca, enquanto buscava com a outra mão a escova de lavar panelas, um molho tosco de hastes de bambu, muitas quebradas, usando o cabo da escova para enxugar um filete de sangue prestes a pingar. Olhando melhor, quase que só sobrava aquele cabo, um toco formado pelas hastes atadas em dois pontos, criando um aspecto de barriga entre a cabeça e virilha. Que coisa inútil; jogando-a fora, voou na direção do galinheiro que ficava no meio do quintal de terra.

Muitos dias se passaram, sarou a ponta do dedo e voltou a velha à rotina: trabalho enquanto há sol e descanso quando vem a escuridão. Isso até que, numa noite brilhante em que a lua estava

redonda de gorda, ela surpreendeu-se acordada pelo cacarejar nervoso, quase histérico, de quem lhe garantia os ovos e carne para suas refeições. Quem sabe fosse uma doninha – a idosa sabia que era uma – vindo roubar mais uma das aves. Da algazarra no galinheiro, que parecia se despedaçar com o bicho em fuga, imaginou a mordida fatal no pescoço de uma. Ela se apressou em agarrar o espanador de mão, encostado na cama aquecida de alvenaria, empunhando-o pelo toco do conto. De costume usava-o para varrer o pó, agora convertido, sentiu, numa arma adequada: o seu cabo firme, o toco um pouco mais gordo do que o da escova de bambu; ora, o espanador era feito de espigas de sorgo. Agitando-o vigorosamente, imaginava o sofrimento da doninha sob o seu açoite, os passos lentos e pesados dando-lhe um aspecto belicoso. Mas era a idade, era a artrite. E chegou ao galinheiro. Avistou uma doninha gorda, ou melhor, a metade posterior de uma, com as patas empurrando o resto do corpo freneticamente para dentro de uma fresta do galinheiro, as galinhas resistindo receosas, censurando o invasor com cacarejos crispados.

Com a vista turva que tinha, a idosa mediu a distância, concluindo que não daria para se aproximar do predador. Sem melhor escolha, fez pontaria com o espanador, jogando-o com tanta força que pensou que o braço voaria junto. A dor se somou à raiva, donde o grito espontâneo: “Vai se danar, seu velhaco, linguarudo de merda!”.

Para quem conhece as doninhas, não é difícil de entender por que “velhaco”. “Lingarudo”, todavia, deve ser estranho para todo ouvinte que não conhece aquelas bandas. Lá, as doninhas sabem falar; sim senhor. Elas aprenderam ao se abrigarem nos templos abandonados, aconchegadas atrás dos altares onde outrora se punham as oferendas para as deidades. Faziam-no não para surrupiar o alimento – há muito que não havia –, mas para aprender com os vagabundos e gente da pior laia que não tinha um teto próprio, recorrendo ao santuário por motivos não muito distantes dos das doninhas. E estas aprenderam bem, ouvindo escondidas, pelo que não só sabiam a língua dos homens, mas tinham a fala castiça, fácil, meandrosa. Falavam um sem-fim, dando-se ares de

homens escolados, orgulhosas daquelas palavras que só os doutores escandem.

Daí o ensejo para que eu continue este parêntese relatando a origem daquele que não tinha sido, de forma alguma, um evento isolado. Muitos anos antes, a velha – ela já era velha então – avisou uma doninha parada de pé como gente, ligeiramente escorada no muro de sua casa, uma pata parada na cintura, a outra agitada ao ritmo de uma canção bêbada que o bicho declamava descompassado: “O rio azul corre para o leste, os heróis são a espuma das ondas... Ai, ai, ai iiiii... Tudo sob o Céu é assim: ora manda um, ora manda ninguém... Ai, ai, ai iiiii... Lutador ruim é quem mata o seu mestre, mentiroso tem medo de quem o conhece... Ai, ai, ai iiiii... A roupa faz o homem, a sela faz o cavalo – e o chicote põe os dois no lugar... Ai, ai, ai iii... Mil copos são poucos quando se bebe com amigos, meia palavra é demais para com quem não se deve falar... ai, ai, ai iiiii...”. Como se notando aquela plateia de uma única velha, pediu: “Palmas, palmas, por favor!”. Arisca, a velha apanhou uma pedra, jogou na doninha e xingou a plenos pulmões: “Palmas para o rabo de sua mãe!”. O velhaco linguarudo colocou-se do outro lado do muro com um pulinho destro e o som das patas correndo virou poeira. Foi dessa comunicação malsucedida que surgiu o ódio entre a idosa e as doninhas. Em suma, os ataques ao galinheiro tinham sido motivados por mais do que a simples luta pela sobrevivência da doninha. Eram uma rixa, uma jura de morte.

Voltando ao presente, o espanador pousou nas costas do velhaco linguarudo – a parte que permanecera fora do galinheiro – com uma pancada surda. O bicho retrocedeu espichando-se, até que conseguiu se pôr de pé, colocando uma pata na cintura e apontando para a velha com a outra, enquanto a ameaçava: “Sua bruxa de uma figa, isso não morre aqui!”. Renovando o juramento de morte, deu sebo nas botas que não calçava, levantando uma nuvem de poeira.

A velha dobrou-se com um gemido para apanhar o espanador do chão e, enfiando-o nas calças, moveu-se penosamente para bloquear a fenda da estrutura em que suas preciosas aves estavam com um pedregulho. Foi nesse momento que, sob os raios

prateados que iluminavam a cena, a velha descobriu que alguma coisa se movia aos pulinhos ali, na penumbra junto à parede. Dada a visão fraca, ela teve que chegar mais perto, dobrando-se, mais uma vez, para investigar atenciosamente o que estava lá. E que surpresa teve quando aquele toco de escova, manchado de sangue seco, era ele que saltitava, não, dançava! No começo, ela até que sentiu um pouco de medo, mas depois se encantou com o brilho branco-azulado e, aproximando-se, notou que tinha bracinhas e perninhas, dois olhinhos, um narizinho e a boquinha. Era como se fosse um menininho! Ele se movia com ritmo e graça, dançando, mesmo, enquanto zumbia a melodia das abelhas que encontraram um bom pedaço para ficar.

Repentinamente, a velha se esquecera de todo o agrume trazido pelo linguarudo. Como se rejuvenescida, sua voz animou-se com o espetáculo: “Mais alto, mais alto! Esqueceu-se que tenho os ouvidos moucos?”. Batia as mãos de entusiasmo. O toco tocou-se com aquela efusão de juventude. Encheu o peito de ar e transformou o zumbido numa cantiga, para ver a velha meneando a cabeça e apontando para as orelhas, “mais alto! Mais alto!” – e não é que a velha ainda tinha fôlego para gritar daquela maneira?

A interação continuou até que a mulher finalmente conseguiu ouvir. O resto de escova ficou muito contente com o acompanhamento das palmas e assim brincaram por um tempo. Chegando a um fim natural, o toco fez uma reverência para agradecer a sua audiência e – mais um feito insólito – bradou uma saudação cortês: “Muito prazer, minha velhinha!”. Revelando um aspecto bonachão de seu caráter, a idosa reagiu: “Não, não, não. Você não pode me chamar de velhinha. De hoje em diante, eu serei a sua vovó!”. Aquela coisa pequenina ficou perplexa, como é possível que ela, sendo tão diferente de mim, seja a minha vovó, e assim perguntou, afirmando: “Você não pode ser a minha vovó...”. A velha deu uma gargalhada: “Sou sim, sou sim. Você é meu neto. Olhe: essas manchas pretas no seu corpo são o meu sangue, foi ele que lhe deu vida, agora você não é mais um resto de escova, agora você é um espírito e eu sou a sua vovozinha”. “Está bem”, o toco assentiu, embora resistisse à ideia intimamente: “De hoje em diante você

será a minha vovó”. A despeito da bizarrice da situação, aquilo fazia sentido para a velha. Não se lembrando do tempo em que não tinha sido velha, só sabia que tinha vivido demais sozinha e de quantas tinham sido as vezes em que sonhara ter uma criança para acompanhá-la, apesar de que tampouco soubesse de onde vêm e por que são crianças. Talvez fosse medo de se descobrir a única habitante do mundo, além das galinhas e das doninhas. Para trazê-la de volta a si, o toco estirou os bracinhos e imitou a voz tenra de uma criança – “Vovozinha...” – derretendo o coração da mulher à sua frente – “Vovozinha!”.

Com um sorriso patético no rosto, a velha prendeu o espantador na axila, bufou uma bocada de ar, preparando-se para o esforço de curvar o corpo. Estirou os braços, pondo as mãos em concha, chamando-o ternamente para si: “Meu menininho, pule aqui para que eu possa ver como você é de perto”. Ele acenou, primeiro dando passos tímidos, até que se projetou no ar, agarrando as pontas dos dedos dela. Parou-se de pé apesar de as mãos da velha tremerem, adocicando mais uma vez o coração dela com um “minha vovozinha” muito maroto. “Isso mesmo”, repetia ela contente da vida, abrindo um sorriso largo que lhe comprimiu os olhos até que desaparecessem, carregando de volta para sua casa o netinho que não passava de um palmo. Reparou melhor: tinha a cabeça redonda do tamanho de uma tangerina, com umas hastes de bambu desfiadas lembrando uma cabeleira desgrenhada rija. O jeito traquina era reforçado pelas orelhas redondas de abano, os olhinhos apertados, um narizinho parecido com uma noz e uma boca protuberante, em tudo igual a uma fava. O corpo, a velha percebia melhor, tinha braços fininhos como brotos de soja e perninhas tortas como caules de feijão. Não importava a estranheza de tudo aquilo, não importava a feiura do toco. Levando-o nas mãos, ela observava com ternura aquela coisa, tão pequenina, tão preciosa, descobrindo que estivera incompleta em toda a sua velhice, mas não mais. Abriu a boca e não conseguiu falar nada além do que parecia mais banal naquelas circunstâncias: “Meu toquinho, agora sim; como é bom ter alguém comigo”.